

imobilização interna com uma placa óssea de neutralização com quatro furos, para promover alinhamento, associada à técnica de imobilização externa com gesso e muleta de Thomas modificada. Em janeiro de 2003, foi recebido no Hospital Veterinário um bezerro da raça Nelore com poucos dias de nascido. O histórico foi de trauma, onde a mãe acidentalmente pisou sobre filhote. Reduziu-se a fratura manualmente, aplicando sobre o membro bandagem e muleta de Thomas modificada. Após imobilização, realizou-se exame radiográfico, onde verificou-se que não havia bom alinhamento entre as extremidades. Optou-se portanto pelo alinhamento cirúrgico com colocação de placa óssea. Foi feita incisão na face medial do membro torácico (MTE), o qual foi alinhado com uma placa de neutralização de quatro furos, sendo fixado dois parafusos de 4,5 mm de diâmetro em cada extremidade. Ao término da cirurgia, foi feito bandagem sobre a qual foi colocada atadura de resina polimerizada associado à muleta de Thomas modificada, feita de duralumínio. O animal apresentava uma fratura transversa simples do rádio e ulna, optando-se inicialmente por imobilização externa, que em fraturas de rádio e ulna é uma opção econômica e bastante utilizada, sendo os animais, na maioria das vezes, reabilitados às suas funções comerciais. Sua grande desvantagem é não promover o alinhamento ideal das extremidades ósseas, resultando em calo ósseo exuberante e desvio angular do membro. Devido ao alto valor zootécnico e econômico do paciente, optou-se pelo tratamento cirúrgico. A colocação de placa de compressão é o método de escolha para a redução da maioria das fraturas dos ossos longos. Essa opção foi descartada por se tratar de um animal muito novo, cujas corticais ósseas são extremamente finas, não conferindo sustentação aos parafusos nelas inseridas, podendo haver mobilidade da fratura. Optou-se, portanto, pela fixação interna por meio de uma placa de neutralização de quatro furos, com o principal intuito de promover alinhamento das extremidades fraturadas. Para impedir instabilidade e conferir resistência ao foco de fratura, associou-se imobilização externa com um aparelho confeccionado com gesso sintético e muleta de Thomas modificada. O presente caso clínico cirúrgico demonstrou resultados satisfatórios na aplicação das duas técnicas, encorajando os médicos veterinários a utilizarem essa associação.

Osteossíntese de fratura Salter-Harris II em fêmur de pônei

1- Clínica de Equínos "Salles Gomes, Foz e Associados" – Jundiá – SP

Gomes, T.L.S.¹;
Sipas, V.L.¹;
Zinsly, M.C.¹;
Leiria, P.A.T.¹;
Yoshida, P.A.¹;
Rasera, L.¹

As fraturas de fêmur são comuns em potros e estão associadas a traumas com adução dos membros pélvicos ou coices. As fraturas da linha epifisária são classificadas segundo o esquema de Salter-Harris. A redução destas fraturas na maioria das vezes é difícil e em alguns casos impossível. Segundo Hunt a correção cirúrgica de fêmur e úmero é mais complicada quando comparada às fraturas de rádio, ulna e tibia. As técnicas cirúrgicas indicadas para a redução deste tipo de fratura envolvem a fixação interna com diferentes tipos de placas e pinos intramedulares e artifícios para a osteossíntese compressiva. O objetivo deste trabalho é relatar uma fratura de fêmur do membro pélvico esquerdo com deslocamento caudal da epífise distal do fêmur de um pônei, fêmea e de 6 meses de idade, que foi encaminhada ao Hospital Veterinário. O diagnóstico clínico foi baseado no histórico, exame físico e o exame radiográfico. À palpação local do membro posterior esquerdo observou-se crepitação com aumento de temperatura e volume local, hematoma, encurtamento e desvio lateral do membro afetado. Após exame físico o animal foi submetido a exame radiográfico onde foi diagnosticado fratura de fêmur Salter-Harris tipo II não sendo encontrada nenhuma outra alteração. Decorridos 03 dias realizou-se o procedimento cirúrgico para implantação de pinos intra-medulares de Steimann, a fim de restabelecer o posicionamento

adequado da epífise femural. Durante o procedimento cirúrgico, o animal, sob anestesia geral, foi posicionado em decúbito lateral e, após a realização de anti-sepsia, o acesso à região da fratura foi realizado segundo Hance e Bramlage, pela articulação fêmur-tibial. A técnica de colocação dos pinos foi realizada segundo Stashak, por meio de uma incisão na altura do ligamento patelar medial aproveitando-se a tração destes, os quais promoviam a luxação caudo-ventral da epífise fraturada. Utilizou-se o aparelho de Thomas modificado para a imobilização do membro durante o processo de reparação óssea. O pós-operatório constou de antibioticoterapia por 9 dias com ceftiofur na dose de 2,2 mg/kg por via intra muscular, a cada 12 horas. Após esta antibioticoterapia inicial o animal foi tratado com a associação de penicilina G potássica na dose de 20.000 UI/kg por via intravenosa a cada 6 horas e gentamicina 6.6 mg/kg por via intravenosa a cada 24 horas. Durante 10 dias o animal recebeu cimetidina 6 mg/kg a cada 8 horas por via oral, omeprazol na dose 3,0 mg/kg por via oral a cada 24 horas e acepromazina na dose de 0,01 mg/kg por via intra muscular a cada 12 horas. Foi dada especial atenção em relação à terapia anti-inflamatória, pois sabidamente os pôneis apresentam uma resposta inflamatória mais intensa quando comparado aos cavalos, consistindo então de flunixin meglumine, dimetilsulfóxido, fenilbutazona, escina e ácido acetilsalicílico, nas doses de 1,1 mg/kg por via intra muscular a cada 12 horas, 0,5 mg/kg em solução a 10% por via intravenosa a cada 24 horas, 2,2 mg/kg por via oral a cada 12 horas, 0,06 mg/kg por via intravenosa a cada 24 horas, durante 2 dias e 5 mg/kg por via oral a cada 12 horas respectivamente. No décimo dia de pós-operatório, ao retirar as bandagens para imobilização, foi verificada uma úlcera de pele próximo à incisão cirúrgica sem comprometimento da região operada. Ao final de 45 dias, após a reavaliação radiográfica foi constatada uma apropriada cicatrização óssea sendo possível realizar nova intervenção cirúrgica para retirada dos pinos. O animal teve alta 70 dias após a primeira cirurgia. Nenhuma alteração foi relatada por um período de 35 dias.

Redução de uma luxação temporomandibular em um javali (*Sus scrofa*)

Fonseca, B.P.A.¹;
Thomassian, A.¹;
Muniz, L.M.R.¹;
Nicoletti, J.L.M.¹;
Hussni, C.A.¹;
Alves, A.L.G.¹

1- Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – Universidade Estadual Paulista - Campus de Botucatu – SP

Luxação é a perda parcial ou total do contato entre duas superfícies articulares. O deslocamento rostral da ATM é relativamente comum e de fácil redução em humanos, no entanto, no caso do javali, sua musculatura mandibular desenvolvida associada ao seu temperamento agressivo, torna esta tarefa difícil, sendo necessária a contenção química do animal além do relaxamento da musculatura esquelética. Este trabalho objetivou relatar o tratamento conservativo de um javali com luxação da ATM, utilizando uma técnica de tratamento conservativa descrita em medicina humana. Um javali macho, de dois anos de idade foi atendido com queixa de inapetência e incapacidade de oclusão bucal. No momento do seu atendimento, o animal foi submetido a inspeção, onde se constatou sialorréia, prognatismo, incapacidade de oclusão bucal. Para a realização do exame radiográfico da região da ATM, foi realizada anestesia dissociativa utilizando-se acepromazina [Acepran 1%: Univet] (mg/kg) i.m. e diazepam [Diazepam: União Química] (mg/kg) associados com quetamina [Vetased: Fort Dodge] (mg/kg) i.m. Por meio do exame radiográfico pode-se constatar a presença de uma luxação bilateral da ATM, identificada pelo deslocamento rostral dos côndilos mandibulares, com aumento do espaço articular. A técnica de redução utilizada foi a conservadora com material auxiliar, semelhante à técnica descrita por Lewis em humanos, onde um bastão de madeira de 2,5 cm de diâmetro por 60cm de comprimento, foi atravessado na cavidade oral do animal na superfície de oclusão dos dentes molares, perpendicularmente à mandíbula. Em seguida, a mandíbula foi forçada